

Tatiana Cavalcante de Oliveira Botosso

# **Programa Manos e Minas: da periferia para a televisão**

CELACC/ECA-USP  
2009

Tatiana Cavalcante de Oliveira Botosso

# **Programa Manos e Minas: da periferia para a televisão**

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Mídia, Informação e Cultura produzido sob a orientação do Prof. Dennis de Oliveira

CELACC/ECA-USP  
2009

*Agradeço à minha mãe que me ensinou a enxergar, desde criança, o valor da nossa herança africana. Ao meu companheiro Rodrigo, que pacientemente me apoiou nessa jornada. E especialmente ao meu orientador, Professor Dennis de Oliveira, por ter me apontado os caminhos para a discussão de um tema tão marcante na pele de nossa negra identidade.*

## Sumário

Resumo .....	página 04
Abstract .....	página 05
Resúmen .....	página 06
Introdução .....	página 07
1. Cultura de periferia .....	página 08
2. Hip Hop .....	página 10
3. Racismo mediático X poder do rap .....	página 12
4. TV Cultura, a primeira TV pública do Brasil .....	página 14
5. Programa Manos e Minas .....	página 15
6. Metodologia .....	página 16
7. Considerações finais .....	página 19
8. Bibliografia .....	página 21
Anexo 1: Ficha técnica do programa Manos e Minas .....	página 23
Anexo 2: Fotos .....	página 24
Anexo 3: Entrevistas com a equipe do programa Manos e Minas .....	página 26

## **Programa Manos e Minas: da periferia para a televisão**

Autora: Tatiana Cavalcante de Oliveira Botosso<sup>1</sup>

### **Resumo**

A população negra brasileira, descendente dos escravizados africanos, está confinada à periferia dos centros urbanos, assim como suas expressões culturais. Essa marginalização cultural é propagada e mantida pela mídia e pela indústria cultural através do racismo mediático. Uma das forças de expressão da cultura de periferia é o movimento Hip Hop, cuja expressão musical é o rap. Contrapondo-se ao modelo de televisão comercial, a TV Cultura é uma TV pública que busca valorizar a expressão cultural popular. O programa *Manos e Minas*, realizado pela TV Cultura é o objeto de estudo desse artigo, pois tem como enfoque a participação efetiva dos jovens da periferia.

Palavras chave: negro, cultura de periferia, racismo, televisão e Hip Hop.

---

<sup>1</sup> Tatiana Cavalcante de Oliveira Botosso é Professora de Sociologia na Rede Pública Estadual de São Paulo, Radialista e Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.  
Orientador: Dennis de Oliveira.

## **Abstract**

The black people, descendants of enslaved Africans, are confined to the periphery of urban centers, as well as their cultural expressions. This cultural marginalization is propagated and maintained by the media and the cultural industry through the media racism. One of the strengths of expression of the culture of the periphery is the Hip Hop movement, whose musical expression is rap. Opposed to the model of commercial television, TV Cultura is a public broadcaster that seeks to enhance the popular. The program *Manos e Minas*, conducted by TV Cultura is the object of study of this article because it focuses on the effective participation of youth in the periphery.

**Keywords:** black people, culture of the periphery, racism, television and Hip Hop.

## **Resumen**

El pueblo negro, los descendientes de esclavos africanos, se limita a la periferia de los centros urbanos, así como sus expresiones culturales. Esta marginación cultural se propaga y gestionada por los medios de comunicación y la industria cultural a través del racismo desempeñado por los medios de comunicación. Uno de los puntos fuertes de la expresión de la cultura de la periferia es el movimiento Hip Hop, cuya expresión musical es el rap. Oposición al modelo de la televisión comercial, TV Cultura es una emisora pública que busca valorar el cultura popular. El programa Manos e Minas, realizado por TV Cultura es el objeto de estudio de este artículo, ya que se centra en la participación efectiva de los jóvenes en la periferia.

Palabras clave: negro, cultura de la periferia, el racismo, la televisión y el Hip Hop.

## Introdução

A exclusão social e territorial dos negros nas periferias das grandes cidades é o tema desse artigo, no qual o enfoque será a análise da cultura de periferia, com destaque para o movimento Hip Hop, sua relação com a indústria cultural e com a mídia.

Este estudo analisa o conceito de cultura em sua concepção clássica, além da cultura de periferia, produzida pela população negra da periferia dos centros urbanos.

Dentre as expressões culturais periféricas destaca-se o movimento Hip Hop, bem como a sua origem, e os elementos que caracterizam a sua herança cultural africana.

Considerando os fatores que reforçam e propagam o racismo mediático – ao qual o cidadão negro é subjugado – analisou-se a entrada da música rap após dez anos de existência do movimento Hip Hop.

Para o estudo de mídia foi destacada a televisão brasileira, pela sua popularidade, e foi constatado que a maioria das emissoras são comerciais e que somente uma delas – a TV Cultura – assume-se como TV pública.

Dentro da programação da TV Cultura, o programa *Manos e Minas* foi destacado, pois o seu conteúdo e sua linha editorial são direcionados ao público jovem da periferia.

Para o trabalho de campo foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com alguns membros da equipe do *PMM*.

A primeira hipótese analisada é se público do *PMM* é formado majoritariamente pela população negra da periferia, existe algum enfrentamento diante do racismo mediático. Como segunda hipótese foi analisado se o *PMM* poderia ser realizado por outra emissora de televisão.

## 1. Cultura de periferia

Analisando a “concepção clássica”: “cultura é o processo de desenvolvimento e enobrecimento das faculdades humanas, um processo facilitado pela assimilação de trabalhos acadêmicos e artísticos e ligado ao caráter progressivo da era moderna.” (THOMPSON, 1995: p.170).

No estudo sobre Cultura Transnacional e Culturas Populares, esse conceito foi ampliado:

*“Se entendermos por cultura (mais que o conjunto de livros e das belas artes) o conjunto de processos simbólicos e através dos quais se compreende, reproduz e transforma a estrutura social, a reorganização conservadora da cultura pode ser estudada como a reconstrução do consenso ideológico necessária para estabelecer uma nova hegemonia.”* (CANCLINI, 1988: p.29)

Ao analisarmos a definição de Canclini nos deparamos com o embate da definição descrita por Thompson – onde o conhecimento *intelectualizado, civilizado e hegemônico eurocentrista* era visto como cultura, e assim sendo, somente o indivíduo possuidor desses conhecimentos seria um indivíduo *com cultura*. Para Canclini a cultura produzida pelas populações mais pobres pode ser denominada de *cultura popular* e está em constante negociação com cultura produzida pelas classes hegemônicas.

No Brasil, a definição “sem cultura” – que remonta sua concepção clássica – é utilizada com frequência como desqualificação população negra em detrimento ao “refinamento” da classe dominante branca.

O jornalista Ricardo Alexino Ferreira, analisando o isolamento e confinamento da população negra em alguns espaços (tanto no âmbito físico quanto no social), afirma:

*“(...) Na conformação territorial das grandes cidades, por exemplo, a maioria dos afro descendentes brasileiros está confinada nas favelas, cortiços ou periferias. Ao sair desse espaço, esta população negra é subjugada pelas forças auxiliares do governo (Polícia Militar) ou por seguranças particulares, contratados por empresas ou pessoas físicas, que quase sempre a tomam por “marginal” e como uma ameaça natural ao patrimônio, à vida e à manutenção do status quo das classes economicamente dominantes ou, até mesmo, da classe média (que introjeta os valores dos grupos dominantes). Quando esta maioria negra não é subjugada por estas forças militares ou de segurança privada, é discriminada por outros elementos sociais, que exercem controle de*

*acesso de pessoas (como porteiros, selecionadores de vagas de empregos e outros profissionais), que dificultam o seu acesso a prédios, empregos, enfim, ao pleno exercício da cidadania. (FERREIRA, 2004: p. 20)”*

Contudo, apesar da marginalização social sofrida pela população negra, um movimento cultural denominado Hip Hop tem contribuído para a valorização de sua identidade nas periferias urbanas.

## 2. Hip Hop

O criador do Hip Hop, de acordo com ROCHA e DOMENICH (2001), foi o DJ norte-americano *Afrika Bambaataa*, em 1968, e a tradução do termo é: *to hip*= movimentar os quadris e *to hop*= saltar, que designava os movimentos dos dançarinos de break. Bambaataa chamava de Hip Hop os encontros de dançarinos do break, Disk Jóqueis (DJs) e Mestre de Cerimônias (MCs) na periferia do Bronx, em Nova York, nos Estados Unidos da América (EUA).

A partir da década de 1970, segundo VIANNA (1988), os estilos musicais norteamericanos: *soul* e *funk* foram difundidos no Brasil juntamente com o movimento *Black Power*, reafirmando a expressão da negritude com cabelos afros, sapatos conhecidos como pisantes com solas altas e multicoloridos, assim como as calças de boca larga e danças do músico James Brown ligados a expressão *Black is Beautiful = Negro é Lindo*.

O *break dance* chegou ao Brasil nos primeiros anos de 1980 e no final dessa década começa a se classificar como *movimento Hip Hop*, que reúne quatro elementos: *Break* (dançarinos), *MC* (Mestre de Cerimônia), *DJ* (Disk Jóquei) e o *Grafite*.

O Rap é a expressão musical do Hip Hop, na qual *DJ* (Disk Jóquei) executa o principal instrumento musical do Hip Hop: o toca-discos, que serve de base e sonorização para o *MC* (Mestre de Cerimônias), que é o cantor de Rap.

Além dos quatro elementos já citados, o Hip Hop conta também com um quinto elemento: a crítica social expressa nas suas manifestações artísticas e que caracteriza o Hip Hop como um movimento cultural de rua:

*Todos tornavam a rua território para viver, se divertir, criar, encontrar os manos, sobreviver e fazer arte. Ao seu modo, seguiram reinventando a tradição dos pretos paulistanos de usar os espaços públicos como território legítimo para as manifestações musicais.*

*Cultura de Rua é a denominação reivindicada para suas práticas, que, ao menos ao no nível do discurso, não aspiram aos salões aristocráticos, nem ligam a mínima para quem inventou a palavra cultura, porque, antes de ser um conceito, para eles é um modo de vida e expressão. Eles a empregam num sentido que transcende a sua utilização antropológica mais ampla, para definir uma opção estética, política e sócia. (AZEVEDO e SILVA, 1999: p.74-75)*

Para o advogado Celso Fontana, membro do Comitê Tilango para a solidariedade de Candidaturas Negras: “Os jovens negros ligados ao movimento hip hop representam os

*quilombolas modernos do ano 2000. Eles são os quilombolas urbanos da modernidade que lutam contra a falta de emprego e escola.” (ROCHA e DOMENICH, 2001: p. 118)*

Apesar da mobilização do movimento Hip Hop brasileiro, pode-se afirmar que, por ser produzido por uma população negra e marginalizada, ele foi ignorado pela mídia e pela indústria cultural durante muitos anos, devido ao “racismo mediático”.

### 3. Racismo mediático X poder do rap

O controle de acesso de afro-descendentes – isolados e confinados tanto fisicamente, quanto socialmente – acontece também, de acordo com FERREIRA (2004: p. 21), nos meios de comunicação social: “*Em um país com mais de 70 milhões de indivíduos negros, o que corresponde a mais de 40% da população brasileira, conforme dados do IBGE, é de se estranhar uma parcela tão pequena de negros ocupando espaço nos veículos*”

Para Muniz Sodré (1999), se a mídia brasileira representa o intelectual coletivo da elite ela é parcialmente responsável por representações negativas do cidadão negro. SODRÉ (1999) afirma ainda, que o racismo mediático provém de fatores por ele enumerados como “negação”, “recalcamento”, “estigmatização” e “indiferença profissional”. Dentre esses fatores destacaremos o *recalcamento* e a *indiferença profissional*.

No *recalcamento*, jornalismo e indústria cultural costumam recalcar aspectos positivos da identidade negra e suas manifestações simbólicas. Tais como a música popular brasileira tendo em vista a sua herança africana, além dos artistas, escritores e intelectuais afro descendentes que não são identificados como tal. A ponto de importantes profissionais de mídia ignorarem a história do negro no Brasil e nas Américas, bem como sua importância.

Na *indiferença profissional*, a mídia organiza-se - motivada pelo lucro e o poder - pautando-se no comércio e na publicidade, indiferente às questões de discriminação do negro e de outras minorias. A ponto dos profissionais mediáticos dessensibilizarem-se de tais problemas. A presença dos negros entre os profissionais da mídia também é reduzida e muitos profissionais negros são destinados a tarefas ditas “*de cozinha*”<sup>2</sup>: nos bastidores.

De acordo com a pedagoga Eliane Nunes de Andrade, hoje o *rap* é o elemento de maior valorização e poder do movimento Hip Hop, que tem nítidas influências dos ganhadores de pau, que vendiam água nas ruas de Salvador e utilizavam-se do canto falado em que o MC (Mestre de Cerimônias) influencia o grupo: “*É um exemplo básico da transcendência negra: não importa onde estejam seus descendentes, há referências a culturas de origem africana que permanecem por gerações*” (ANDRADE, 1999: p. 87).

---

<sup>2</sup> A esse termo vale relembrar a declaração do então candidato a presidência da república, Fernando Henrique Cardoso, em 1993: “Eu sou mulato, também tenho o pé na cozinha”.

O disco "Sobrevivendo no Inferno", lançado em 1997 pelos rappers do Racionais MCs atingiu a venda de 100 mil exemplares em menos de um mês. Esse disco foi lançado pelo selo independente da própria banda *Cosa Nostra* sem o apoio da indústria cultural e da televisão. O sucesso desse disco – entre os jovens negros da periferia e os jovens brancos de classe média – chamou a atenção da indústria cultural e o rap passou a ser reproduzido pela grande mídia.

Sovik (2002: 103) analisa a entrada do rap no repertório da mídia nacional e sua motivação: *“Talvez seu sucesso recente decorra da percepção do volume de suas vendas, uma valorização a partir do sucesso, critério clássico para a veiculação pela mídia”*.

Podemos concluir que a mídia brasileira defende os interesses da sua elite dominante, mas apropria-se das expressões culturais do negro da periferia quando e da maneira que lhe convém. No caso do Hip Hop a porta de entrada na mídia foi o rap, após o grande sucesso dos Racionais MCs.

Atualmente, entre os meios de comunicação de massa, a televisão destaca-se como o mais popular.

#### 4. TV Cultura, a primeira TV pública do Brasil

A televisão é um dos meios de comunicação mais importantes da mídia brasileira, desde a sua popularização. O modelo consolidado pela televisão brasileira, desde a sua origem, é o comercial.

No final da década de 1960 surge uma alternativa ao modelo comercial de televisão, com a criação - através do projeto de Lei do Governador do Estado de SP, Roberto de Abreu Sodré - da *Fundação Padre Anchieta (FPA) Centro Paulista de Rádio e TV Educativas*. Em 1967, a FPA obteve a concessão da *TV Cultura* e da *Rádio Cultura AM*, e a TV Cultura foi ao ar pela primeira vez em 15 de junho de 1969.

De acordo com LEAL (2000), a TV Cultura tem um sistema de gestão diferente das TVs comerciais formado por um Conselho Curador inspirado no Conselho de Governadores da BBC de Londres, esse sistema de gestão faz da TV Cultura uma emissora pública e não estatal, nem comercial. E, de acordo com a filosofia da FPA:

*“(...) A programação de suas mídias será eminentemente cultural, educativa, informativa, artística e inovadora. Não será comercial, nem terá fins lucrativos; enfatizará o compromisso com a sociedade e não com o mercado. (...) dará visibilidade e voz às minorias, buscando apoiar processos de inclusão social. (...) buscando novas linguagens e formatos, em favor da solidariedade, da democracia e da paz, para assim expressar a diversidade brasileira, socializando a produção do conhecimento e fortalecendo a causa da televisão pública”* (Disponível em: <http://www2.tvcultura.com.br/fpa/institucional/filosofia.aspx> acessado em: 20/05/2009)

Essa independência em relação ao Estado e ao monopólio midiático brasileiro faz com que a programação da TV Cultura seja voltada para os interesses culturais populares e educativos. E a TV Cultura, conforme a própria emissora declara – em vinheta da sua programação – é a primeira TV pública do Brasil.

Dentro da programação da TV Cultura, iremos destacar o programa *Manos e Minas*.

## 5. Programa Manos e Minas

O *Programa Manos e Minas (PMM)* teve origem no quadro *Mano a Mano*, que Rapin Hood, apresentava no programa *Metrópolis*, também realizado pela TV Cultura. Entre os idealizadores do *PMM* estão: Rapin Hood, Ramiro Zwetsch, Nico Prado, Hélio Goldsztejn e Ricardo Elias.

Com apresentação de Rappin Hood, o programa teve sua estréia em 07 de maio de 2008. Apesar de não ser um programa exclusivamente sobre Hip Hop, mas de todos os ritmos musicais que fazem sucesso na periferia, o *PMM* agrega os quatro elementos do movimento: o grafite, o break, o DJ e o MC.

De acordo com o próprio site do programa, O *PMM* tem como objetivo:

*“O universo do jovem da periferia e o resgate de histórias da cultura brasileira e internacional são marcas registradas do programa Manos e Minas (...) Manos e Minas surge para cobrir uma lacuna na TV aberta, ainda carente de programas que falem diretamente com o jovem de periferia, protagonizados por eles mesmos.”* (Disponível em: <http://www.tvcultura.com.br/manoseminas/> acessado em 28/05/2009)

No mês de março deste ano, Rapin Hood saiu do *PMM* e o rapper Thaíde foi chamado para assumir a apresentação do programa. Além do apresentador Thaíde, estão presentes no palco do *PMM*: o DJ Erick Jay, responsável pela trilha sonora, os Bboys e as Bgirls; todos eles vieram da periferia da cidade de São Paulo. O escritor Ferréz faz o quadro *Interferência* e Alessandro Buzo apresenta o quadro *Buzão Circular Periférico* que visita – de ônibus – os bairros da periferia, num passeio cultural. A cada semana o programa recebe novos convidados: músicos de todos os estilos: do samba ao Hip Hop e um grafiteiro, que produz uma tela utilizando a técnica do grafite, durante o programa.

Um grande diferencial no *PMM* é o auditório, formado por jovens estudantes de escolas públicas e de centros comunitários da periferia da cidade de São Paulo e de outras cidades da região metropolitana. Estes jovens organizam-se em caravanas para participarem das gravações, que ocorrem teatro Franco Zampari.

Atualmente o programa vai ao ar aos sábados às 19 horas, com re-exibição aos domingos 1:30 da manhã e as segundas às 12:30 horas.

## 6. Metodologia

Para o trabalho de campo, as estratégias metodológicas utilizadas foram: a observação de dois dias de gravação do programa e entrevistas semi-estruturadas com membros da equipe.

Foram entrevistados os seguintes integrantes da equipe do *Programa Manos e Minas (PMM)*: os diretores Nico Prado e Ricardo Elias, o primeiro editor-chefe Ramiro Zwetsch, a atual editora-chefe Maria Amélia Rocha, o produtor e apresentador do quadro Buzão Periférico Alessandro Buzo e o apresentador Thaíde. As entrevistas foram realizadas nos dias 10, 17 e 25 de junho deste ano.

Nas entrevistas, as principais perguntas realizadas foram:

- Qual o público do Manos e Minas?
- Qual a ligação do programa com o movimento Hip Hop?
- O Manos e Minas seria possível em outra emissora de televisão no Brasil?

A primeira hipótese a ser analisada é: se público do *PMM* é formado majoritariamente pela população da periferia, existe algum enfrentamento diante do racismo mediático.

Como segunda hipótese, analisaremos se o *PMM* poderia ser realizado por outra emissora de televisão.

Maria Amélia Rocha, afirma que na periferia os negros são maioria e que no programa *Manos e Minas* eles podem “se ver” e sentirem-se mais valorizados. Ela afirma ainda que, apesar do programa não ser voltado diretamente para a população negra, e sim da periferia, existe um contingente enorme de negros na periferia e o *PMM* tem a função de fazer o negro protagonista, onde a criatividade e a cultura desses jovens têm importância.

Esse enfrentamento do racismo mediático sob o fator de *estigmatização*, observado no depoimento de Rocha, pode ser observado nas declarações dos demais entrevistados que, apesar de não relacionarem a população negra à periferia, afirmam que a população da periferia sofre discriminação social e preconceito.

Para o diretor Ricardo Elias, a periferia tem uma manifestação cultural muito forte e não tem um canal de exibição maior, para ele o programa tem o objetivo de mostrar a periferia, sem esquecer os problemas que lá existem, mas também apresentar outra visão que não seja a visão preconceituosa que a mídia tem em relação ao morador da periferia,

pois toda vez que alguém da periferia é retratado pela mídia, principalmente se for jovem, essa pessoa está ligada ao crime.

Alessandro Buzo, produtor e apresentador do quadro *Buzão Circular Periférico*, declara que, assim como o programa, seu quadro é realizado de forma que as pessoas da periferia se sintam representadas e também para que as pessoas de classe média e de outras localidades não periféricas saibam que, diferente do que costumam mostrar, na periferia não existem apenas bandidos.

Segundo o apresentador Thaíde, o *PMM* mostra o lado bom da periferia de maneira natural, é uma vitrine onde as pessoas podem ver a periferia de um jeito que elas não vêem, pois estão acostumadas a vê-la em noticiários e programas policiais que ressaltam apenas seu lado violento.

Outro questionamento realizado foi sobre a possibilidade da realização do programa *PMM* em outra emissora de televisão.

Buzo afirma que o *PMM* poderia ser realizado em outra emissora, e que futuramente outros canais terão a necessidade de fazer um programa ligado a periferia, porém ele espera que tais programas sejam verdadeiros, e acredita que não faz sentido fazer um programa falando da periferia no qual não exista ninguém que seja da periferia como protagonista.

Para Thaíde o *PMM* é a “cara” da TV Cultura, que sempre teve uma maneira simples e objetiva de mostrar o que as outras emissoras hesitavam em divulgar, ele acredita que o programa – em outra emissora – teria outro formato e outra direção. Thaíde também declara que na TV Cultura ele tem maior liberdade profissional e mais respeito pelo seu espaço e sua opinião.

Nico Prado discorda da possibilidade do *PMM* em outra emissora, ele compara quadros de outras emissoras abertas tendo como foco a periferia: “*a Regina Casé, por exemplo, que quer mostrar pro mundo que a Periferia é o melhor lugar do mundo pra se viver, e não é, é mentira, ou Ratinho e os ‘Datenas’ da vida que querem mostrar que a periferia é o pior lugar do mundo*”. Prado afirma ainda que, na TV Cultura, apesar da audiência ser importante, o mais importante é a filosofia, na qual a qualidade do programa, bem como a relevância artística, cultural e jornalística são consideradas e também que não existe censura, mas sim “bom senso”, além disso, ele acredita que nas emissoras comerciais existe uma censura interna que não é jornalística ou cultural, é uma censura por audiência, o que não ocorre com a TV Cultura.

Ramiro Zwetsch acredita que a TV Cultura é o espaço para esse tipo de programa, que tem tudo a ver com uma emissora de televisão educativa e que na TV Cultura a liberdade é maior, pois em outra emissora haveria mais controle em relação ao conteúdo do programa.

Para Maria Amélia Rocha, do jeito que ele é realizado na TV Cultura, não haveria interesse das outras emissoras, pois não é possível fazer merchandising num programa como esse. Ela afirma que nos programas realizados por outras emissoras, existe claramente uma montagem no auditório, um critério de “*beleza*” nas primeiras filas e quem não está muito “*bonitinho*” fica no “*fundão*”. Ela afirma ainda que no *PMM* isso não ocorre, pois quando os jovens entram no auditório, eles sentam no lugar que escolhem, do jeito em que estiverem vestidos, com a “*cara*” deles, seus cabelos e jeito de dançar. Para Rocha, essa é uma liberdade que geralmente as outras emissoras não têm: “*ela (a TV Cultura) pode trazer um apresentador que não tem um perfil de galã, que não é uma estrelona, nessa possibilidade de arriscar a gente acaba construindo uma história e eu acho que o PMM tá fazendo uma história*” (Entrevista concedida à autora em 10/07/2009).

Somente um dentre todos os entrevistados – Buzo – concorda com a possibilidade de que o *PMM* possa ser realizado em outra emissora, porém, afirma a importância do programa ser protagonizado por pessoas oriundas da periferia. Os outros entrevistados acreditam que, se fosse realizado em outra emissora, o *PMM* sofreria um controle maior e perderia sua liberdade. Essa censura poderia ser estética, comercial e também editorial, já que todos observam que as outras emissoras discriminam a população da periferia.

## 7. Considerações finais

Os produtores do *PMM* entrevistados – com exceção de Maria Amélia Rocha – não mencionaram a palavra negro ou afro-descendente, apesar de todos reconhecerem que o *PMM* é realizado por protagonistas da periferia e que seu público é formado majoritariamente por jovens dos bairros periféricos. Esse posicionamento pode ser considerado como recalcamento, pela falta de reconhecimento da presença majoritariamente afro-descendente dos jovens da periferia.

Entretanto, também existe uma atitude de enfrentamento do racismo mediático, pois ainda que os termos negro e afro-descendente não sejam discutidos nem declarados diretamente, todos reconhecem a prática do preconceito e da discriminação desses indivíduos por parte da mídia comercial, bem como a necessidade de valorização cultural da periferia, e suas conseqüências – o preconceito e a discriminação.

Essa ambigüidade reafirma o racismo midiático e o recalcamento dos profissionais da mídia em reconhecê-lo e discuti-lo abertamente ao trocarem os termos negro e afro-descendente por população da periferia, eles remontam o preconceito e a discriminação da cor da pele como discriminação entre classes sociais.

Tal posicionamento recalca a luta da população negra e afro-descendente pelo reconhecimento da sua identidade cultural por parte da cultura hegemônica eurocentrista, que ora reconhece o samba como produto nacional, ora subjuga a cultura afro-descendente como inferior e não civilizada.

Sobre a possibilidade do *PMM* ser realizado em uma emissora comercial, os entrevistados também declaram que o programa poderia perder suas características de liberdade editorial e o protagonismo efetivo da população da periferia, que são as características do programa e correspondem à filosofia da TV Cultura.

Os dois apresentadores do *PMM*: Rapin Hood e Thaíde, são rappers reconhecidos no movimento Hip Hop. O atual apresentador, Thaíde, participou do primeiro disco de Rap produzido em São Paulo, no ano de 1988. Para Thaíde, que já trabalhou em outras emissoras de TV, na TV Cultura ele tem maior liberdade de se expressar, expor suas idéias, além de sentir-se mais respeitado profissionalmente.

Esse protagonismo negro efetivo na apresentação do *PMM* é um enfrentamento direto ao racismo mediático sob o fator de indiferença profissional na medida em que esses

apresentadores negros têm um histórico de participação no movimento Hip Hop reconhecido pela comunidade negra e afro-descendente.

Enfim, é preciso reconhecer que, embora a TV Cultura viabilize a realização de um programa no formato do *PMM* representando e dando voz ao jovem da periferia, esse espaço só foi conquistado devido ao protagonismo da comunidade afro-descendente da periferia através da mobilização do movimento Hip Hop.

## 8. Bibliografia

ANDRADE, Elaine N. org. **Rap e educação, rap é educação** SP: Summus, 1999.

CANCLINI, Nestor García, “*Cultura transnacional y culturas populares. Bases teórico-metodológicas para la investigación*”, in: GARCÍA CANCLINI, Néstor; RONCAGLIOLE, Rafael, **Cultura transnacional y culturas populares**. Lima: IPAL, 1988.

CARRAÇA, Flávio org.: **Espelho Infiel, o negro no jornalismo brasileiro**. Imprensa Oficial do Estado de SP, 2004.

CONCEIÇÃO, Fernando, “*Mídia e etnicidades no Brasil e nos Estados Unidos*”, in: CARRAÇA, Flávio org. **Espelho Infiel, o negro no jornalismo brasileiro**, Imprensa Oficial do Estado de SP, 2004

FERREIRA, Ricardo Alexino. “*Quando a Imprensa branca fala da gente negra: a visão eurocêntrica da imprensa na cobertura de afro descendentes*”. In: CARRAÇA, Flávio org. **Espelho Infiel, o negro no jornalismo brasileiro**, Imprensa Oficial do Estado de SP, 2004.

LEAL FILHO, Laurindo. “*A TV pública*”. In: Eugênio Bucci. (Org.). **A TV aos 50. Criticando a TV brasileira no seu cinquentenário**. 1.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

ROCHA, Janaína; DOMENICH, Mirella; CASSEANO. **Hip Hop – a periferia grita**. SP, 2001: Perseu Abramo

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros: Identidade, povo e mídia no Brasil**, Petrópolis, RJ, Vozes, 2.<sup>a</sup> ed. 1999.

SOVIK Liv, *Música, expressões étnicas e raciais*. In: RAMOS, Silvia, org. **Mídia e racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**, RJ: Jorge Zahar, 1988.

### Páginas Eletrônicas:

Texto sem referência de autor. **Filosofia**. Disponível no site: <http://www2.tvcultura.com.br/fpa/institucional/filosofia.aspx> acessado em 20/05/2009.

Texto sem referência de autor. **Manos e Minas: o universo do jovem da periferia e o resgate de histórias da cultura.** Disponível no site: <http://www.tvcultura.com.br/manoseminas/> acessado em 28/05/2009.

## Anexo 1: Ficha Técnica do Programa Manos e Minas



Apresentação: *Thaíde*

Direção: *Nico Prado e Ricardo Elias*

Diretor do Núcleo de Arte e Cultura: *Hélio Goldsztejn*

Assistente de Direção: *Marcelo Miranda*

Diretor de Produção: *Marcelo Amiky*

Gerência de Produção: *Leila Maria De O. Russo*

Produção: *Andrezza Leite, Fabiana Simões, Zeca MCA e Márcio Cezar*

Estagiária de Produção: *Maysa Pizzuto*

Edição: *Andréa Bombom Goulart (Texto) e Yuri Ferreira (Imagem)*

Editora-Chefe: *Maria Amélia Rocha*

Pauta: *Dolores Medeiros*

Trilha Sonora: *Pedro Angeli*

Figurinos: *Cida Souza*

## Anexo 2: Fotos





## Anexo 3 – Entrevistas com a equipe do programa Manos e Minas

### Entrevista 1: Nico Prado

Como surgiu a idéia do Manos e Minas?

*“A idéia do Manos e Minas surgiu da seguinte forma: o Helio Goldsztejn e o Ricardo Elias convidaram o Rapin Hood para fazer quadros no Metrópolis, fazer uma ou duas matérias – se não me engano – pro Metrópolis, e essas matérias foram ficando bem legais, matérias bem temáticas em cima de Hip Hop e de Periferia. Com isso, desenvolveu-se a idéia do Programa que, a princípio seria um programa de cultura Black, de cultura negra, mas daí eu entrei na parada e a gente resolveu que o enfoque mesmo devia ser em cima de Periferia, sem discriminar as pessoas brancas, vamos dizer assim. Então é um programa para a Periferia e com a temática ligada a Periferia e para a Periferia, quer dizer, toda a idéia foi feita para que a gente não impusesse um modelo para eles – pro pessoal da Periferia – e sim que a Periferia seria o nosso modelo. E foi daí, rolando a história, resolvemos fazer em auditório, com platéia e alguns quadros do programa, sempre tendo os quatro elementos do Hip Hop que são: o grafite, o break, o DJ e o MC e também com música, com muito Rap no principio, muito Rap e samba também. Daí foi desenvolvendo a história, paralelo a isso nós começamos a pensar nas matérias, nas matérias que ilustram o programa e muitas têm a ver também com essa cultura Hip Hop, mas também abrimos para uma coisa mais social. Algumas matérias saíram até não do meu agrado, muitas delas, porque parecia aquela história assim: fazendo propaganda de Ong, e isso não era o objetivo do Programa. Tem muita gente séria que faz coisas muito boas e que a gente mostrou, mas também não é isso, acho que o Manos e Minas tem o que reivindicar, então tem muito assunto polêmico que a gente colocou nessas matérias e que deram um feedback bem legal, por exemplo: gravidez na adolescência – que é um tema meio tabu – isso foi falado na época do Hood e foi discutido, é esse tipo de coisa que me deixa mais instigado a fazer uma coisa mais importante. Manos e Minas não é um programa de auditório para as pessoas apenas se divertirem, eu quero que as pessoas pensem um pouco.”*

Qual o público do Manos e Minas?

*“O mais importante para nós é o público. O público do Manos e Minas, a gente tem referências de lobo completamente diferentes da realidade que a gente vê na periferia, quando a gente sai para gravar na periferia a gente vê que é um Programa muito popular lá, e ao mesmo tempo é importante. Então, os assuntos que são tratados no Manos e Minas, tanto artísticos como sociais – temas sociais e etc. – ou de serviços também, como emprego, a gente traz muita matéria de emprego, do primeiro emprego e coisas desse tipo, então a gente vê que tem um retorno muito legal.*

*E tem o público do Teatro (Franco Zampari) que é um grande barato, que são escolas da Periferia, gente que armam caravanas para assistir, agora tá vindo muita gente do interior com essa coisa meio deslumbrada com televisão. E quando eles chegam no auditório – você viu – quando eles vêem que eles estão em casa realmente, então a gente vê a resposta daquelas pessoas. Por isso para a gente fica até mais fácil fazer um Programa que as pessoas se identificam e participam, o importante é a participação deles em todo e qualquer momento. Eu acho que na verdade eles ensinam muito mais para a gente do que a gente para eles.”*

*“A equipe foi montada exatamente a partir das pessoas que trabalharam com ele (Rapin Hood) no Metrópolis, o Ramiro Zwetsch que era o Editor-chefe, o Rapin Hood apresentando e fazendo matérias também, daí nós precisávamos de uma repórter, fizemos várias pesquisas e chegamos a Juju, Juju Denden que fez um trabalho bem interessante – apesar de ter pouca experiência na história – mas ela tinha uma identificação absurda com o público, o público se via nela fazendo as matérias, ela fazia as matérias de conteúdo artístico e algumas curiosidades. O Rapin Hood saía para fazer matérias, matérias de todos os tipos, entrevistas com personalidades famosas da Perifa e também as de conteúdo social ele dava uma força.*

*E temos até hoje o Rodnei Sugita que é o vídeo-reporter que faz matérias de todo o jeito, ele é multimídia, mas as matérias de cunho social estão mais a cara do Rodnei esse ano. E como pautas tínhamos a Leandra, que saiu, e hoje temos a Celeste, que é uma jornalista bastante experiente. Na Coordenação de Produção, a Fabiana que é uma figura muito legal, sem esquecer do Ricardo Elias que me ajuda na direção, não na direção de gravação, mas no todo do Programa e também cuida das matérias, das externas, ele foi muito importante na implantação desse Programa e está sendo importante até hoje.*

*Com a saída do Hood o Ramiro saiu também, o Ramiro voltou para o Metrópolis e a Maria Amélia Rocha assumiu a Editoria, ela é a Editora-chefe do Programa, e muda alguma coisa porque a Maria Amélia tem uma visão mais global das coisas – é uma jornalista de muita experiência – mas, fundamentalmente, a idéia do Programa não muda.*

*Mudou muito com a saída do Hood pro Thaíde a forma de apresentar, o Thaíde tem uma forma de empatia com o público, vamos dizer sem ser redundante, mais popular. O Thaíde não tem rejeição, coisa que o Hood tem pouca mas tem, não por ser da periferia, mas pela postura dele em alguns assuntos.*

*Mas, de qualquer forma, o seio da produção é o mesmo, começa pelo Helio Goldsztejn que é o Coordenador do Núcleo de Arte e Cultura, aí tem eu (Nico Prado), tem o Ricardo Elias, hoje em dia a Maria Amélia e era o Ramiro Zwetsch, tem o produtor musical que é o Zeca. O Zeca é MC também e é muito entrosado com o pessoal do Hip Hop e o Zeca tem uma coisa legal que foi uma coisa que a gente abriu no Manos e Minas, a idéia inicial era ficar em cima só de Hip Hop, aí eu – um pouco mais velho – e o Helio, a gente conversando: ‘acho que Periferia não gosta só de Hip Hop’, então musicalmente, o que é que a gente fez, a gente abriu: pro samba, por exemplo, veio Jorge Aragão, veio a Leci Brandão, veio muita gente do samba-rock, o que a gente evita, isso são princípios da TV Cultura, não é nem do Manos e Minas, é: ‘coisa ruim’, se você quiser eu até te cito: é Funk Carioca, Axé Music, aquele Pagode Mineiro sem-vergonha, entendeu. Então, esse tipo de coisa o Manos e Minas não faz, como a TV Cultura não faz. A gente dá chance para quem é novo e para quem é bom, e isso está se ampliando, da galera do Hip Hop acho que pelo menos 80% das pessoas das pessoas que estão trabalhando com Hip Hop em São Paulo, já fizeram alguma coisa no Manos e Minas, seja músico, seja grafiteiro, MC, DJ, etc.”*

*E os quadros do Buzo e do Ferréz?*

*“Isso foi um achado também do Helio Goldsztejn e o Buzo e o Ferréz, o quadro Interferência é o quadro do Ferréz, eles sugeriam a participação no Metrópolis, isso quando o Manos e Minas ainda não existia, aí mandaram para a gente os pilotos de matéria, e foram aprovados, claro, porque é muito interessante. O negócio do Buzo tem mais a ver com a coisa artística, e também essa coisa mais de solidariedade na Periferia e tal, então ele pega mais Centros Culturais, ele vai pro bairro e daí tem um cicerone que leva ele para vários lugares, e daí tem cursos de desenvolvimento para crianças carentes, fora isso tem uma escolinha de break dance, tem artistas, artesãos e coisas desse gênero, ele faz meio que uma ‘radiografia cultural’ dos bairros que ele vai, e isso é muito legal.*

*Já o Ferréz não, o Ferréz pega pela cabeça, então no quadro do Ferréz os convidados são sempre escolhidos a dedo e é sempre nessa via sociológica mesmo, a entrevista do Ferréz é o papo-cabeça do programa, mas que é muito interessante para essa garotada, lógico, não é porque às vezes tem menos estudo que não se interessam por coisas mais importantes e profundas, e o Ferréz faz muito bem isso, ele como escritor, lido, muito lido, na Periferia, vem até como uma influência, ele tem sido um colaborador fantástico para a gente. Eu acho que um dos pontos altos do Programa, sem dúvida, é o Interferência.”*

*Você acha que o rapper pode ser considerado um ‘sociólogo sem diploma’?*

*“Não. Porque é meio leviano você falar que o rapper é um ‘sociólogo sem diploma’. Eu acho que muitos tentam ser sem saber que são, sem saber que podem ser, eu acho que eles têm uma visão, ainda, muito restrita do que é o mundo, eles têm uma visão sim, do mundo em que eles vivem, mas a grande maioria não têm uma visão global, uma visão geral do mundo. Então, isso acarreta de grande parte dos rappers, do pessoal do Hip Hop, um preconceito, uma aversão ao resto do mundo. Isso de certa forma ajuda porque o trabalho fica mais radical, e isso eu me identifico, eu acho que você tá fazendo um trabalho importante, tem que ser radical para as pessoas ouvirem e prestarem a atenção, mas ao mesmo tempo tem um pouco de preconceito nisso, quer dizer, é um negócio em que poucos são os que se abrem pro resto do mundo, Thaíde é um deles sabe, Thaíde é um cara que você conversa sobre tudo, MV Bill é um deles, o próprio Rapin Hood é um cara que, apesar dele ser bem radical, ele tem uma visão do que é o resto do mundo.*

*Muitos dos rappers que a gente chamou no Programa, cantam aquelas letras fortes, aquelas letras protestando com certa razão, mas sem um embasamento, sem um embasamento cultural, sociológico mesmo, para conseguir transmitir o que eles estão falando, e quando as pessoas que não são do Movimento ouvem aquilo, elas não levam muito a sério, não levam muito a sério porque eles não se fazem respeitar, eu acho que não como artistas, mas como pessoas interessadas em fazer alguma coisa importante para todo mundo. Então acaba sendo um negócio absolutamente restrito a Periferia, é isso que o Manos e Minas não quer, o Manos e Minas quer mostrar o trabalho deles pro resto do mundo, pra todo mundo, que é um trabalho importante, quer que eles assumam essa importância mas sem aquela raiva que é digna de pessoas excluídas, que muitos são, sem dúvida, mas é um negócio que acaba prejudicando a divulgação do trabalho deles e até essa radicalização, que é um pouco infantil, acaba atrapalhando o trabalho deles. Agora, tem muita gente boa, tem uma molecada que está abrindo a cabeça pra outras coisas, não só em termos sociais, mas em termos de música, de literatura, cultura geral mesmo, tem gente que hoje já procura ouvir Cartola, sabe, gente que procura ouvir Paulinho da Viola, gente que odiava Rock e*

hoje já respeita o Rock, como eles são respeitados, pois o ritming Blue americano começou a ser respeitado depois de muito tempo, o Rap americano, como outras pessoas muito importantes começaram a prestar atenção naquilo que eles estavam fazendo e a partir disso o ódio passou a ser diluído. Então você vê, gente como o Quincy Jones gravou disco de Rap, essa distância entre o Hip Hop e o resto do mundo eu acho que está cada vez mais diminuída e pro bem, não é que o Hip Hop está se rendendo a nenhuma forma de cultura, ou de arte, ou até de posição política e social, não, ele tá entendendo mais o que é o resto, e claro que a divulgação através de programa de televisão, de rádio, etc., e o Manos e Minas faz parte disso, faz com que isso se desenvolva de uma maneira mais rápida e mais objetiva, mais clara, sabe, a gente não tem empecilhos para que o cara mande a polícia se foder no Programa, não tem problema nenhum, agora, ele vai ter que explicar porque ele mandou a polícia se foder, entendeu, ele não tem motivos pra xingar a 'Patricinha' que vai no Shopping Center, eu acho que esse motivo é o cerne de uma revolta justa, pela vida que a maioria dessas pessoas vivem, mas passa a ser uma coisa antagônica demais e vira uma guerra, e essa guerra não deve ser fomentada por nenhum lado desse polígono imenso que é a sociedade."

O Manos e Minas seria possível em uma outra emissora de televisão no Brasil?

"Não, eu tenho certeza que não. A TV Cultura ela tem na sua filosofia buscar novidades e buscar polêmica também, todo mundo acha: 'a Cultura é do estado', é do estado porra nenhuma, a Cultura é nossa, a Cultura é do povo de São Paulo que paga imposto. E só na Cultura a gente tem a possibilidade de criar coisas como o Matéria Prima, como o Mosaicos, como o Cidade faz o Show, como Provocações, o próprio Roda Viva. Se você ver alguns quadros de outras emissoras abertas em relação a Periferia tendo como foco a Periferia, a Regina Casé, por exemplo, que quer mostrar pro mundo que a Periferia é o melhor lugar do mundo pra se viver, e não é, é mentira, o Ratinho e os 'Datenas' da vida querem mostrar que é o pior lugar do mundo, certo, que as pessoas sofrem, e a pura verdade, isso é dito no Manos e Minas, mas não é o pior lugar do mundo, então, as emissoras comerciais, elas têm que ter um foco, saber o público que elas vão atingir, o quanto elas vão ganhar e qual o Ibope que vai dar. Na Cultura é evidente que a audiência é importante, mas o mais importante pra gente é a filosofia, é a qualidade do Programa, é a importância, eu digo a importância não só artística, como cultural e jornalística. Eu acho que nenhuma outra emissora poderia fazer, o Rapin Hood foi pra Record, ele tá fazendo quadros naquele Dia-a-dia, que são quadros mais ou menos como ele fazia no Metrópolis, agora na Record, eu espero sinceramente que ele tenha a mesma liberdade que ele teve quando estava aqui, porque aqui a gente não tem censura, a gente tem bom senso, e emissoras comerciais, eu passei por quase todas, posso te dizer, a gente tem sim, a gente tem uma censura interna muito grande e, pior do que ser jornalística ou cultural, é uma censura por audiência, e isso aqui nós não temos. Eu não tenho dúvida que a idéia desses meninos não seria levada a sério por qualquer outra emissora, porque primeiro eles vão pensar na audiência."

## **Entrevista 2: Ramiro Zwetsch:**

Como que surgiu a idéia do Manos e Minas?

"É uma idéia mais ou menos conjunta, eu cheguei a apresentar um projeto pra TV Cultura – eu estou na TV Cultura há alguns anos como um dos editores do Metrópolis – eu gosto muito de música e tenho um site de música chamado Radiola Urbana. E eu tinha um desejo, meu site é mais voltado pra música negra em várias vertentes possíveis assim, e como o Rapin Hood já era um colaborador do Metrópolis, me ocorreu a idéia de oferecer um projeto com ele, que focasse na música negra e usar um arquivo que a gente tem aqui na Cultura pra recuperar coisas do arquivo, tipo James Brown, enfim, coisas valiosas que eu sei que tem aqui no arquivo, misturar isso com coisas novas, enfim, fazer um programa voltado pra música negra na TV Cultura."

Quando eu apresentei esse projeto, a Cultura já tinha uma outra coisa em mente, que é essa coisa mais ambiciosa que é um programa de auditório, meu programa não era um programa de auditório, era um programa bem mais simples, o que eu tinha na cabeça, e daí, juntos, a gente começou a conversar: eu, o próprio Rapin Hood e o Helio Goldsztejn, que é o diretor do Núcleo de Arte e Cultura, começamos a pensar numa coisa de programa de auditório voltada pra Periferia e as idéias foram surgindo e chegou nesse produto que está aí no ar até hoje, é mais ou menos isso."

Como foi a sua participação no Manos e Minas no período que você fez parte da equipe?

"Eu comecei na concepção do Programa, daí a gente colocou ele no ar em maio do ano passado, daí eu fiquei o ano inteiro, 2008 mergulhado nisso. E aí tinha um desgaste assim e surgiu a possibilidade de eu voltar pro Metrópolis, e daí eu voltei no começo desse ano agora."

Mas eu tenho muito orgulho de ter colocado o Programa no ar, me sinto responsável, junto com outras pessoas, me sinto co-responsável pelo Programa estar no ar e acho super importante,

um Programa muito importante porque não existia coisa parecida na televisão e acho que é um espaço para vários tipos de manifestações que não tinham lugar na televisão aberta. E a Cultura tinha que ser o espaço para esse tipo de programa, eu acho, é o tipo de programa que tem tudo a ver com uma TV educativa.

E em outra emissora?

Acho que teria uma coisa mais controlada em relação ao conteúdo do Programa em outra emissora, e acho que na Cultura a liberdade é maior, acho não, tenho certeza.”

### **Entrevista 3: Ricardo Elias**

Conte como surgiu a idéia do Programa e a sua participação também.

“A idéia desde o início era fazer um programa voltado para a Periferia, mas não um programa, mas voltado não voltado só no sentido social da Periferia, no que a Periferia produz de Cultura, ela tem uma manifestação muito forte da Cultura e que às vezes ela não tem um canal de exibição, maior. Um pouco, com a ascensão do Rap isso ficou possível, desde o sucesso que o Rap teve a partir de 1988 com o disco dos Racionais, as pessoas começaram a ver uma produção cultural que existe na Periferia, e a Periferia tem muita literatura, tem muita coisa, dança, música, bastante.

Então a gente inventou um programa mais ou menos nessa linha, que canalizava um pouco essa produção cultural, é lógico que a gente fala de outras questões envolvidas da Periferia, a gente fala um pouco também dos problemas da Periferia e ele é sustentado um pouco com a base do Hip Hop: o grafite, o DJ, a dança, tudo, mas é um Programa que tenta falar de uma forma mais ampla da Periferia. Não vão só no Programa grupos musicais de Hip Hop, ligados ao Hip Hop, vão também outras manifestações artísticas, mas desde que tenham uma identificação com o público da Periferia. Essa era a idéia do projeto.”

Você falou que o Programa é voltado para a Periferia e você acha que atinge esse objetivo? Qual que é o retorno que vocês têm?

“A gente tem um retorno de audiência, mas a gente não sabe desses domicílios quem é da Periferia ou não, contatos de email que a gente acaba recebendo muito, e andando na rua, quando as pessoas vêem o apresentador ou vêem o microfone do Manos e Minas, elas identificam e associam com o Programa, eu acho que é super bacana. E acho que tem uma proposta dentro do Projeto, eu dirigi dois filmes e os dois filmes foram ligados a Periferia que é o ‘De passagem’ e ‘Os doze trabalhos’, e a criação desse Projeto foi muito nessa linha, de você poder mostrar a Periferia mas mostrar ela de outro jeito, você não esquecer dos problemas que tem na Periferia, mas também mostrar uma outra visão, que não seja essa visão muito preconceituosa que a mídia tem em relação ao morador da Periferia, toda a vez que mídia mostra alguém da Periferia, principalmente o jovem, ele está ligado ao crime, a algum problema que está acontecendo ali. Não que não existam esses problemas, mas tem outras coisas acontecendo na Periferia e a gente queria mostrar essas outras coisas. É um Programa de entretenimento e basicamente a idéia do Programa é passar diversão, essa é a idéia.”

### **Entrevista 4: Maria Amélia Rocha**

Desde quando você trabalha no Manos e Minas, e quando você entrou no Programa?

“Eu estou há quase um ano no Programa, eu já trabalhei na TV Cultura durante onze anos, eu sou da equipe de criação do Metrôpolis, e depois saí e fui fazer outras coisas, dirigi a revista Raça Brasil e fui fazendo outras coisas aí, editei o caderno de TV do Jornal da Tarde e me chamaram de volta, o Ramiro era o Editor ano passado, Editor do Manos e Minas, e ele precisava de alguém pra fazer pauta, e não é a minha especialidade, mas eu topei porque eu gosto do projeto, eu gostava do projeto e adoro a TV Cultura. Então eu vim pra fazer pauta e era o Rapin Hood o apresentador, e eu já tinha feito um trabalho com ele aqui pra Cultura, um programa especial de fim de ano chamado ‘No olho da rua’ e ficou no ar a possibilidade dele fazer alguma coisa na casa – o Rapin Hood – e aí juntaram-se as idéias todas, nasceu o Manos e Minas e ele virou o apresentador.

Eu cheguei na metade do ano passado pra fazer as pautas e havia uma dificuldade de relacionamento do apresentador com algumas pessoas, era uma coisa um pouco complicada, tal, e o Ramiro acabou saindo, voltando pro Metrôpolis e eu assumi a Editoria-chefe do Programa, então eu estou nessa nova fase com o Thaíde, peguei uma parte com o Rapin Hood e agora com o Thaíde direto. Tem um ano e eu acho que meio-a-meio, metade na pauta e metade como Editora-chefe.”

Você acha que o Programa consegue atingir esse objetivo, de atingir, de focar na Periferia, como que você vê esse retorno do público em relação ao programa?

*“Eu acho que consegue sim. É óbvio que a gente não pode medir os critérios de audiência pela padrão da TV Globo, os nossos evidentemente são diferentes, mas a repercussão que a gente tem em relação as coisas que a gente mostra, o retorno que a gente tem por email, o interesse das pessoas em virem assistir, isso tudo pra gente são coisas que comprovam que a gente tá conseguindo fazer uma coisa que atinge mesmo a Periferia, que mexe com eles.*

*Nós vamos ficar agora um tempinho sem gravar, nesse meio tempo que a gente disse que vai ficar um tempo sem gravar por conta da reforma do teatro (Franco Zampari), nós já recebemos quase vinte caravanas querendo vir, uma coisa que a gente já está programando até o fim do ano, todo mundo quer vir. A gente percebe, por exemplo, o tanto de teses que tem a respeito do programa, escolas de segundo grau que contemplam os alunos com uma vinda ao Programa, gente que faz atividade dentro de classe tendo o Manos e Minas como referência. Então pode ser que na audiência a gente não tenha altos índices como a TV Cultura na sua programação normalmente não tem, mas a gente tem certeza que a gente atinge sim, uma boa parte da Periferia.*

*E é uma batalha muito grande porque não tem nada parecido, se você pensar na programação de TV aberta, você não tem nada parecido, você não tem esse público na TV, essas caras na TV ou as atrações que a gente traz aqui, eu acho que a gente tem uma função mesmo, e eu acho que a gente consegue. O ideal seria se a gente tivesse zilhões de expectadores, não é o caso, mas eu acho que a TV Cultura sempre funcionou no boca-a-boca, na resolução da qualidade das coisas que faz, isso é uma marca da TV Cultura, então se você pensar na TV Cultura – que está fazendo 40 anos agora – você vai ver que tem uma porção de gente que hoje é adulto e que cresceu vendo Castelo Rá-tim-bum e nunca foram coisas de audiência altíssima, mas foram coisas sempre marcantes na cultura brasileira e na história da TV em si, eu acho que a TV Cultura tem uma função mais experimental que outras TVs. Então ela pode trazer um apresentador que não tem pose um perfil de galã, que não é uma estrelona, pode arriscar, eu acho que nessa possibilidade de arriscar a gente acaba construindo uma história e eu acho que o Manos e Minas tá fazendo uma história.”*

Você acha que seria possível o Manos e Minas do jeito que ele é em uma outra emissora de TV?

*“Essa pergunta é impossível de responder. (rs)*

*Eu acho que todo mundo já teve a oportunidade de fazer. Se você pensar em todas as emissoras de TV abertas de maior audiência, se quisessem fazer já teriam feito, porque o movimento Hip Hop está aí a tanto tempo, o Thaíde, nosso apresentador, que é um ícone do movimento, começou nessa história a mais de vinte anos, então se alguém quisesse fazer alguma coisa parecida teria feito. Se quisessem teriam condições de fazer, então eu deduzo que, pelo fato do movimento existir a tanto tempo e nunca terem feito nada parecido é porque não há interesse. Se bem que, a gente também percebe uma coisa, que muitas coisas que começaram na TV Cultura se espalharam para outras emissoras, como o programa do Serginho Groisman que ele faz hoje na Globo, ele começou aqui na TV Cultura, e tem uma porção de coisas assim, só a Cultura tem um programa de cultura como o Metrópolis, têm muitas coisas que é a nossa cara aqui e talvez não tenha um retorno comercial tão grande e não seja de interesse das emissoras.*

Você acha que se o Programa saísse daqui mudaria o formato?

*Acho que do jeito que ele é aqui não haveria interesse das outras emissoras, não dá pra encher de merchandising um programa como esse. Se tivesse um patrocinador – que a gente também busca – a gente tem os apoios culturais, mas a gente adoraria ter um patrocinador.*

*Mas eu acho que é difícil, imagine quando você pensa num programa de auditório, como é esse programa de auditório? Seja na Globo, no SBT ou outras emissoras, quando você vê a câmera passando, você vê claramente que é uma montagem no auditório, um critério de ‘beleza’ nas primeiras filas e quem não tá muito bonitinho fica lá pro fundo. Aqui não, aqui entra o colégio e senta ali, entra outra turma de uma Ong e senta aqui e todo mundo do jeito que é, do jeito que está vestido, com a sua cara, eu cabelo e seu jeito de dançar. Então eu acho que essa é uma liberdade que geralmente as outras emissoras não tem e acho pouco provável que ele pudesse ser desse jeitinho em outro lugar, ele poderia ser um quadro dentro de um programa, mas uma hora de programa dando espaço pra Rincón Sapiência, Pro Jota, Renegado, é muito difícil, mesmo que fizessem na madrugada, horários malucos assim, mas acho pouco provável, com esse perfil eu acho que é a cara da TV Cultura.”*

Eu gostaria que você falasse dessa ligação do Manos e Minas com o movimento Hip Hop.

*“Eu não sei se existe uma ligação com o movimento Hip Hop, o Programa tem esse perfil, tem algumas características do movimento, traz pra dentro da TV algumas coisas que são marcas desse movimento: BBoys, BGirls, MCs, grafiteiros e DJ e a moçada do meio sabe que existe agora um palco pra eles. Ma verdade não existe uma ligação, nós não representamos o movimento, nós somos um espaço onde o movimento pode se manifestar, é diferente, a ligação na verdade é*

assim: temos esse lugar, temos essa idéia, queremos esses artistas, queremos pessoal novo, queremos todas as correntes do Hip Hop e está estabelecido, quem topa vir, tem um produtor musical que é o Zeca que conhece muito e que ele tem sim um contato efetivo com o movimento para trazê-los, porque não são nomes que você vai ligar para uma gravadora e ela tem o seu catálogo de artistas e manda alguém pra gente, não é nada disso, é uma garimpagem. Então a ligação é mais nesse sentido mesmo, de ter as pessoas certas no lugar certo, é o produtor musical que sabe aonde estão os caras bacanas, que ouve os discos, que pesquisa mesmo, que vai atrás de onde a coisa legal está acontecendo. E eu acho que a gente está conseguindo trazer artistas que já já as pessoas vão acabar ouvindo em outros canais, a gente percebe claramente quando a gente trás uma atração, passa um tempinho e você vê em algum lugar assim, a pessoa sendo entrevistada, você percebe que alguém viu em algum lugar e esse lugar foi aqui.

Acho que é por isso que o Manos e Minas é importante, dificilmente esse pessoal teria espaço, na TV, em lugares assim.

E eu, particularmente, acho que para melhorar sua auto-estima você precisa ter exemplos legais, você precisa se ver retratado, você precisa que a história do seu país conte um pedaço da sua história também. Todos os heróis são louros de olhos azuis? Todas as princesas são louras? A grande história é contada pelos brancos apenas? Não! A gente tem uma história bacana. Coincidentemente, acho que a gente não faz um programa étnico, digamos assim, porém, a gente sabe que na Periferia está a maior parte da população negra, então a gente tem uma função danada aí, uma história muito legal pra contar. Esse assunto me perturba... (pausa, para conter a emoção)”

Então vamos retomar, a cultura brasileira, a periferia retratada dentro da televisão e quem é a cara dessa periferia, quem está sendo retratado agora no Manos e Minas?

“Pois, é, como a gente estava falando, por coincidência entre muitas aspas, a Periferia tem um contingente enorme de negros, a população negra marginalizada por tantos e tantos anos, e as coisas foram melhorando, etc. e tal, mas ainda é a grande massa da população que está na Periferia é de negros. Então, Manos e Minas tem essa função que eu acho maravilhosa, que é fazer o negro Protagonista, ele é Protagonista no Manos e Minas. A gente não faz um programa voltado para a população negra, falando só da população negra, não é nada disso, é da Periferia, só que lá, a grande massa ali é negra, então, uma das funções do Programa de certa forma é essa, botar essa cara, fazer com que esse pessoal se orgulhe do que faz, mostrar que na Periferia tem cultura, que não é necessário que você tenha dinheiro e uma cara assim assado, que a sua criatividade e a sua cultura têm importância. E isso aí a gente está trazendo pra televisão, isso eu acho que é um grande diferencial em relação as outras coisas. Quando você pergunta se daria para estar em outro lugar, eu acho pouco provável, porque por muitos e muitos anos você não via um negro sendo protagonista em nada na televisão brasileira, outro dia estava lendo uma entrevista do Manuel Carlos – o autor de novelas – falando que pensou por muito tempo do personagem central da novela dele ser uma negra, há quantos anos tem novela no país, e sempre nessa maioria da população negra, sempre o negro era empregado, nunca tinha família a não ser uma coisa ali que começava e terminava nele.

A gente nunca foi representado, nunca foi efetivamente representado, de uns tempos pra cá que as coisas começaram a mudar, um Lázaro Ramos, uma Tais Araújo, mas você conta nos dedos, um Milton Gonçalves, uma Zezé Motta e por aí afora. Então quando de repente você faz um programa de música, de dança e coloca os negros ali pra cantar, pra dançar e tudo isso, você está abrindo um espaço maravilhoso pra eles se expressarem, pra serem protagonistas mesmo, são lindos, talentosos, cantam, dançam, é a origem da nossa formação e está sempre ali escondidinho, sempre numa ‘figurinha’, ou tá no noticiário policial, ou é jogador de futebol, ele é protagonista quando é jogador de futebol e na cultura não. Todo mundo sabe que sim, porque você tem brilhantes artistas: Milton Nascimento, Djavan, Gilberto Gil, negros maravilhosos, mas coisas isoladas assim, agora, a população em si, não tinha muitos meios de se expressar não. Ela também não é linda maravilhosa bem vestida? Não é não? É pobre. Pobre na televisão, cantando, falando, dando seu recado, é um achado, Manos e Minas é um achado. Eu me orgulho profundamente em estar fazendo, por todas essas questões, além ser um programa de televisão, que eu acho interessante, contempla um lado que me interessa demais, do ponto de vista pessoal, do ponto de vista de jornalista, que eu sou, e do ponto de vista da minha própria história, como negra.

Eu me orgulho muito de fazer, eu torço muito pra que dê certo, que seja visto por muitas pessoas, e se não for visto por muitas pessoas que pelo menos seja uma semente em algumas cabeças, de brancos e de negros. De negros para que se orgulhem de estarem sendo retratados e terem seu espaço, e de brancos para que pensem nessa população de uma outra maneira. Eu acho é como se fosse um grande pacote, cotas, que eu sou a favor, tem que ter na verdade, se eu fosse pensar filosoficamente talvez não, mas, dada a nossa história e tudo o que vem por trás eu sou completamente a favor. Já temos uma representação e vamos ganhando espaço, ganhamos

esse espaço na TV Cultura com um programa de uma hora no horário nobre e vamos fazer de tudo pra manter e acho que tem pequenas sementes aí que depois vão dar algum fruto, em algum momento vão dar. Vão aparecendo coisas interessantes, aparecem uns meninos assim super garotos com um discurso maravilhoso, que ninguém sabia aonde é que estava essa gente. Pensam que 'ah, é só dançar' é nada, as letras são ótimas, pintam uns grafiteiros, um moleque que vende verdura no Ceagesp e é um artista. Tá tudo aí, é uma questão de querer descobrir, de tentar achar aonde é que está a importância disso, ninguém vai atrás disso, é um pacote, uma massa, sem cara, disforme. E de repente a gente descobre que tem cara sim, tem talento sim, e pode fazer muita coisa bacana. Acho que a gente tem muita coisa pra fazer e pra mostrar no Manos e Minas, eu espero que ele tenha vida longa, não sei se será possível porque as coisas mudam, as direções mudam, pode ser que o que eu esteja falando aqui seja apenas uma lembrança vaga, mas a gente vai batalhar muito pra manter sim, porque está sendo muito interessante, e a gente percebe nos meninos e nas meninas que vão lá, no orgulho de poder ter uma coisa assim, de fazer parte, pra estar vendo de perto, por estar admirando, o público vê ali uma pessoa muito próxima deles, fala 'nossa, esse menino conseguiu fazer isso, eu também posso' só isso aí já planta umas coisinhas legais de auto-estima que eu acho que é o grande problema da nossa raça, precisa, tem que ter orgulho das coisas. Não é 'ah, a abolição, deram pra gente, nós não batalhamos' que não batalhamos o quê, batalhamos a beça. Eu acho que tem que ser contada uma outra história e a gente vai fazer parte disso, acho que um dia alguém vai falar assim 'lembra daquele programa que mostrava as pessoas assim, assado?' Manos e Minas."

### **Entrevista 5: Alessandro Buzo**

Como surgiu a idéia do quadro Buzão?

"Eu trabalho na produtora DGT Filmes, aonde a gente está, e a gente mandou uma proposta para a TV Cultura de um programa de meia hora chamado 'Buzão Circular Periférico'. Nesse meio tempo, a gente mandou no final de 2007, e no começo de 2008 o quadro do Rapin Hood 'Mano a Mano' iria virar 'Manos e Minas' e a TV Cultura entrou em contato querendo saber se a gente adaptaria a nossa proposta de um programa para um quadro, e entre a gente aqui da produtora a gente achou que era muito interessante tá entrando com a proposta diferente de um quadro e não de um programa, até para amadurecer a idéia, de mostrar que a gente tinha condições realmente de uma hora estar veiculando como um programa. E foi assim que surgiu a idéia, a principio de um programa e que depois foi adaptado para um quadro aceitando um convite que eles fizeram."

Para qual público o quadro é direcionado?

"A gente faz o quadro, assim, no contexto do programa a gente vê assim só o quadro de uma forma que as pessoas da Periferia se sintam representadas, então esse seria o primeiro público as pessoas da Periferia se verem naquele quadro e falarem 'poxa, isso aí tem a ver com a gente'. Agora, também para que outras pessoas de outros meios – da classe média e de outras localidades não periféricas – saibam que na Periferia não tem só bandido, não tem só traficante, não tem só gente portando arma, então a gente faz o quadro para todo mundo. Com um foco diferente, uns pra saber como que é, não ver só o que geralmente costumam mostrar e outros para se sentirem representados."

Quais são as dificuldades que vocês enfrentam na produção do quadro?

"Dificuldade, assim, eu não diria que são dificuldades, a produção sou eu mesmo quem faço, muitos dos lugares que eu mostrei eu já conhecia – eu sou escritor, eu tenho outras atividades culturais, tenho cinco livros publicados, tenho uma caminhada de alguns anos, eu promovo eventos de Hip Hop – então, algumas localidades aonde a gente foi no começo, eu já conhecia e facilitou e tal. Quando eu começo a fazer a produção, a gente geralmente define os três próximos lugares que a gente vai, aí eu debato com o pessoal da equipe e tal, mas a gente não tem grandes dificuldades não."

A gente chega lá e muitas vezes a gente se diverte fazendo o quadro, já é uma equipe que se conhece faz tempo, a equipe que produz. A gente vai dando risada e volta dando mais risada ainda e, por a gente ter livre acesso, não é aquela coisa da TV indo, é o Buzo indo, e o Buzo eles já conhecem. Então a gente vai numa tranquilidade e faz o que tem que ser feito, uns foram mais difíceis por alguns motivos, por exemplo: teve um quadro no Carrão que foi difícil porque só andando dentro da favela foram 5 Km num dia, a gente desceu no Jabaquara e saiu no Brooklin por dentro de favelas. Então, uns foram mais fáceis, chegamos lá e era no mesmo lugar, outros a gente ia mostrar três cenas em locais diferentes, então as dificuldades geralmente são assim: de chegar lá na hora e vai ficando tarde e já tem problema de iluminação e tal. Mas assim, problema de fato a gente realmente não tem, a gente se diverte bastante fazendo o quadro."

Você falou que o seu público é o público da Periferia, daí eu gostaria que você fizesse uma comparação, é o mesmo público do Manos e Minas?

*“Eu acho que o público do Manos e Minas é bem da Periferia, eu percebo isso andando na rua, nitidamente, porque eu estou andando no Bexiga, no Bexiga tem uma Periferia também, mas eu estou andando na Casa Verde, eu estou andando na Paulista, eu estou andando nos Jardins e pouquíssimas pessoas me reconhecem pelo trabalho na TV, quando eu estou na Periferia várias pessoas me reconhecem e falam ‘e aí Buzo, eu vejo lá o Programa e tal’. Então a gente percebe que o público é maior na Periferia pelo nome do Programa, pelo que se propõe a mostrar e tal.*

*Agora, eu acho que se você for olhar pelo Ibope – você sabe que o Ibope é medido num certo número de aparelhos instalados no centro e no seu entorno – se o Ibope fosse medido na cidade inteira, no país inteiro de Periferia, eu acho que o Manos e Minas teria uma audiência bem maior do que aparece hoje no Ibope atual, porque realmente é muito nítido para mim, que as pessoas me reconhecem sim – tem pessoas que já me conheciam por outros trabalhos – mas tem pessoas que me reconhecem na rua exclusivamente porque viram meu quadro na TV, e isso acontece com muito mais frequência na Periferia do que no centro.”*

Qual a ligação do seu quadro e do programa Manos e Minas com o Hip Hop?

*“O Manos e Minas ele é um programa de Periferia, na Periferia não tem só Hip Hop, e muitas vezes o público do Rap e do Hip Hop confundem um pouco isso: ‘ah, não tá passando muito Rap’ e tal. Mas na realidade é por isso, na Periferia se curte Rock, se curte Reggae, na Periferia se curte vários estilos musicais. E o Manos e Minas tentam levar alguns deles, os mais próximos dos jovens e tal. É claro que, pelo Rapin Hood ter sido o idealizador e depois a continuação com o Thaíde – que são os Rapers apresentando, puxa muito para o lado do Hip Hop mesmo. Eu acho fantástico o Hip Hop ter essa abertura na TV aberta, eu acho que faltava isso, desde o ‘Yo’ da MTV que não tinha nada tão diretamente ligado ao Hip Hop na TV, eu acho importantíssimo. Agora, eu acho legal quando vão algumas bandas lá, principalmente quando vai Leci Brandão, quando vai o Jorge Aragão, são pessoas que a Periferia curte também, agora, o Rap tem que estar sempre presente, mesmo que não seja em todo o programa mas, que seja em matérias, que seja no meu quadro, porque realmente o Programa tem muita ligação com o movimento Hip Hop e a gente se orgulha disso, de estar podendo representar o Hip Hop na TV, principalmente num canal aberto.”*

Como foi o processo da saída do apresentador Rapin Hood e a entrada do apresentador Thaíde?

*“Eu conhecia o Rapin Hood antes do programa, mas trabalhar com ele foi uma grande satisfação, eu acho ele um cara muito conquistador pelo fato do Programa ter virado com ele, era uma idéia legal dele junto com a posição da TV, é um quadro dele adaptado, ele tinha o Mano a Mano na Metrópolis, e virou o Manos e Minas. Eu acho que o programa tem muito a cara do Rapin Hood até hoje, então, as pessoas sentem falta dele, eu, particularmente, me senti muito honrado em trabalhar com ele, ele participou do especial de fim de ano do Buzão, aonde ele simulou ser o motorista e eu simulei ser o cobrador, e a gente chamou várias pessoas para um role de ônibus, pessoas que tinham participado do quadro durante o ano.*

*Aí ele decidiu sair, eu acho que a gente tem que respeitar a opinião dele, eu acho que os motivos da saída dele quem deve falar é ele mesmo, mas um pouco foi que ele tinha outras propostas, tanto é que ele tá aí praticamente com um quadro acertado num outro canal, e eu acho que ele ainda vai fazer muito sucesso na TV em outros canais, é bom que – como ele é um cara que tem essa abertura, esse pioneirismo – que ele abra outras portas por aí, porque a porta que ele abriu na TV Cultura continua aberta.*

*Quando ele saiu o programa tinha que continuar, então alguém teria de ser escalado para o lugar dele, e o Thaíde foi uma escolha meio que natural porque ele já tinha alguma experiência de TV, por causa do ‘Yo’ que ele apresentou na MTV, por causa do Antonia que ele fez o seriado na Globo, então é um cara conhecido também do público. O Thaíde também é um grande amigo meu, eu promovo o ‘Favela toma conta’ e o Thaíde já foi lá se apresentar duas vezes, a gente já se encontrou em N lugares e tal, então assim: quando o Thaíde entrou, para mim, particularmente, saiu um amigo e entrou outro amigo. E são pessoas que eu admiro, pessoas que eu gosto, acho que o Programa manteve o mesmo perfil, não mudou muito coisa, o Rapin Hood tem um jeito, o Thaíde tem outro, mas no geral o Programa continuou meio que igual e eu acho que a saída do Hood foi uma opção particular dele e a gente tem que respeitar e a vinda do Thaíde foi muito bem vista, acho que por mim e por todo mundo.”*

Você acha que seria possível o Programa Manos e Minas e o quadro Buzão em uma outra emissora de TV aberta, no mesmo formato, do jeitinho que ele é?

*“Eu acho que sim, acho que a TV Cultura, ela tem esse mérito de ter apostado. Agora, o Programa igual ou parecido em outro canal eu acho que é possível sim, mas ninguém vai tirar o*

*Manos e Minas da TV Cultura, não é uma coisa que vai poder catar e passar para uma outra emissora, o ideal seria surgir outros programas de repente parecidos mas não copiando. Eu acho que Manos e Minas é o Manos e Minas, é um produto da TV Cultura e eu acho que outros canais, a TV Record e a Rede TV, eu acho que eles vão acabar tendo a necessidade de fazer um programa ligado a Periferia, porque a Periferia hoje ela tem várias forma de cultura em evidência, sabe, os escritores lançando livros, tem saraus sendo feitos nas quebradas – semanalmente, não é uma coisa mensal, nem anual – é uma coisa que toda semana existe, grupos de Rap não param de surgir.*

*Então eu acho que no futuro outros canais vão abrir pra esse tema, o que eu acho é que, assim como o Manos e Minas tinha o Rapin Hood e o Thaíde também é um grande conhecedor da Periferia, eu acho que se você vai fazer um programa de Periferia você tem que ter pessoas da Periferia trabalhando nele, porque não dá para quem não é da Periferia falar sobre ela, porque a Periferia tem suas peculiaridades, sabe, quem nunca pisou no barro não sabe como é que é, quem nunca freqüentou os becos e as vielas não sabe como é que é. Então, fazer um programa, por exemplo, como o da Regina Casé, é bacana, só que falta originalidade pelo fato da apresentadora não ser do lugar. Eu acho que no futuro novos programas vão surgir e espero que sejam verdadeiros, porque fazer um programa falando da Periferia e não ter ninguém da Periferia representando lá dentro, eu acho que perde um pouco o sentido.”*

### **Entrevista 6: Thaíde**

Como surgiu a proposta para você trabalhar no Manos e Minas

*“Foi uma surpresa muito grande para mim, pois eu não esperava de uma hora para outra ser chamado para apresentar o Programa Manos e Minas sendo que o programa particularmente já me chamava a atenção pela maneira dinâmica e pela proximidade que ele tem com o público, não é um Programa distante, é um programa agradável – pelo menos era o que eu sentia assistindo o Programa – então quando me veio o convite foi uma surpresa enorme porque eu não esperava. Geralmente quando você é chamado para alguma coisa tem um boato antes, mas não, eu recebi o convite na sexta-feira, tive uma reunião com a Maria Amélia no domingo, mas na segunda eu fui fazer o teste, mas eu já tinha conseguido dominar aquela situação ali. Apesar de ser um teste eu já defini que eu ia ficar no Programa mesmo porque a minha vontade de apresentar era demais.”*

Qual é o público do Manos e Minas?

*“Eu acredito que o público, a gente não pode produzir um programa focado só num público porque a gente quer que todas as pessoas assistam, mas é claro que a gente tem ali o formato do programa é um formato bem adolescente é um formato jovem, onde a molecada possa encontrar informação, música, diversão, um clima agradável. Mas a gente faz o Programa da melhor maneira possível para todas as pessoas.*

*Tem uma história muito engraçada, muito curiosa de um senhor que foi ao Teatro assistir o Programa da Inezita Barroso e ele foi no dia errado, era o dia da gravação do Manos e Minas, e ele gostou tanto que agora toda segunda, quando tem gravação, ele está lá na platéia assistindo o Programa. Isso para a gente é, sem dúvida nenhuma uma satisfação muito grande, mostra que a gente está fazendo o trabalho da maneira correta, a gente chama a atenção do público jovem, mas quem pára para assistir o Programa gosta e continua sempre acompanhando.”*

E qual é a relação do Manos e Minas com o Hip Hop?

*“Total, eu costumo dizer que o Manos e Minas não é um programa 100% Hip Hop, não é um Programa de Hip Hop, mas é um Programa que tem ênfase na Cultura Hip Hop, nos seus elementos, na sua ideologia, mas não é um Programa de Hip Hop onde você só vai ver pessoas do Hip Hop, ou qualquer coisa parecida, lá você vê Rock, lá você vê Samba-Rock, o Samba, você vê o Rap – logicamente – mas não é um Programa 100% Hip Hop. E eu fico muito contente com isso, porque eu acho que seria muito limitado a gente ter um Programa só para Hip Hop, sendo que o Brasil tem um universo de arte que, sem dúvida nenhuma faz com que a gente cresça a cada dia, justamente porque a gente vai aprendendo com coisas que aparecem. Então seria muito limitado para a gente, seria uma coisa muito pequena a gente ter um Programa só de Hip Hop, eu gosto desse formato de ser um Programa onde tenha Grafite, Dj, Bboy, Bgirl, MC, mas que um Programa que abre espaço para todos os outros estilos musicais. Inclusive eu acho até mais favorável, é mais positivo, porque integra – faz com que o Hip Hop faça parte de outros estilos musicais e faz com que – o contraponto também – que os artistas respeitem um pouco mais o Hip Hop, eu gosto do jeito que tá.”*

Você acha que seria possível o Manos e Minas, no formato que ele está, em uma outra emissora de televisão?

*“Eu acredito muito na cara da emissora, eu acho que o Programa é a cara da TV Cultura, porque a TV Cultura sempre foi dessa maneira, ela sempre foi simples, mas ela sempre foi também objetiva, ela sempre mostrou um lado que as outras emissoras hesitavam muito em mostrar, muitas emissoras esperavam a TV Cultura mostrar uma certa matéria, um assunto, para então eles irem lá e se aprofundar em um assunto, e o Programa eu acredito que é assim. Se fosse em uma outra emissora, eu acredito que teria um outro formato, até mesmo pela direção e tudo mais. Sei lá, acho que numa outra emissora eu não estaria tão à vontade quanto eu estou aqui na TV Cultura, é complicado responder essa pergunta sua.”*

Mas você falou que na TV Cultura você fica mais à vontade, porque? O que é que tem na emissora que te proporciona isso?

*“Olha só, eu não preciso, por exemplo, ficar com receio de dizer ou perguntar alguma coisa, e eles também não têm esse receio, então toda a dúvida, qualquer coisa que vá se fazer, se a gente tiver dúvida ou qualquer coisa parecida sempre alguém vai falar com alguém, é um respeito muito grande. E isso é muito bom, porque eu trabalhei numa outra emissora e eu não tinha essa liberdade, eu não tinha esse respeito, pelo meu trabalho, pelo meu espaço. Agora eu tenho, agora têm pessoas que se preocupam com a qualidade do Programa, com a matéria que vai ao ar com quem vai participar do Programa, com a Platéia. Isso – de uma certa forma – eu também participo, eu estou próximo das pessoas que produzem o Programa. Eu só apresento o Programa, mas a produção é que é importante, a produção é que faz as coisas acontecerem, e a competência da equipe de produção é uma coisa, que até então, eu não tinha contato e agora eu tenho. Se eu for para uma outra emissora, se eu for para uma outra emissora, se eu for para uma outra casa trabalhar em outro lugar... Eu sei o que é uma equipe de qualidade, isso é ótimo.”*

E o que você acha dos dois quadros que têm no Programa: o Interferência do Ferréz e o Buzão Circular?

*Quando eu falei que a pessoa que assiste o Programa encontra diversão, encontra informação, é justamente por isso, porque enquanto a gente tá ali no palco com os artistas levando diversão para o público de casa ou os que estão ali também, enquanto eu estou fazendo as minhas brincadeiras nos bastidores e nos intervalos e tal, tem esse momento, que é um momento importantíssimo que é a conversa inteligente que o Ferréz tem com os seus convidados, e também os lugares e as pessoas que o Buzão apresenta no quadro dele. Então o Interferência e o Buzão Periférico, são peças que fazem o equilíbrio do Programa, do divertido para o sério, do sério para o informativo, do informativo a gente volta de novo para as artes urbanas que é a dança dos Bboys e a arte do DJ. Então é um Programa que, na minha opinião, é uma ‘montanha russa’ realmente, enquanto as pessoas estão lá em cima se divertindo, daqui a pouco a gente vêm com um assunto interessante, inteligente, a gente sai para um lugar que ninguém conhece mas que vão passar a conhecer agora, e a gente volta para o palco com a dança e com a música. Então é um Programa de clima muito agradável.*

Você vê o Programa como um Programa inovador, como um Programa diferente de qualquer outro que já existiu numa emissora de TV aberta?

*“Olha, eu não vou dizer para você que seja um Programa inovador, mas com certeza é um Programa diferente, porque ele ali leva pessoas que já são conhecidas e também pessoas que não são tão conhecidas assim, mas que têm um trabalho certo, um trabalho sério, um trabalho que as pessoas respeitam, às vezes têm artistas ‘de bairro’ mas não é porque ele é um artista ‘de bairro’ que não seja tão importante a ponto de não ser convidado à vir ao Programa, ou falar quem ele é ou apresentar o trabalho dele, o Programa oferece esse espaço para as pessoas. Então é um Programa realmente vem diferente. Inovador eu não digo, porque já existiram vários outros programas num formato parecido e alguns deram certo e outros não, e o Manos e Minas está aí agora preenchendo esse espaço.”*

E como você o retorno do público em relação ao Programa e em relação ao apresentador?

*“Eu sempre tento fazer desse trabalho, um trabalho como outro qualquer. Eu vejo que – lógico né – é um pouco difícil porque eu estou lidando com TV, estou lidando com rádio e tal, mas eu tento fazer ele da maneira como um pedreiro constrói uma casa, um mecânico conserta um carro, é um trabalho como outro qualquer, a única diferença é que todo mundo me vê e todo mundo me ouve. Mas é um trabalho, eu tenho um horário para chegar, tenho um horário para sair e tem problemas que tem que serem resolvidos, é um programa como outro qualquer, aliás um trabalho como outro qualquer.*

*Agora essa resposta do público é uma coisa que no primeiro Programa eu já ficava pensando ‘como será que eles vão receber essa notícia, como é que eles vão encarar essa realidade?’ e está sendo positivo, as pessoas estão elogiando o Programa, estão elogiando o clima do Programa, estão elogiando o meu desempenho, e isso é muito bom. Estou até esperando já*

*uma crítica para eu saber aonde é que eu posso melhorar ali, entendeu, mas sem dúvida nenhuma é muito bom.”*

Você é o cara que participou do primeiro disco de Hip Hop brasileiro que a gente tem conhecimento, e já se passaram 21 anos atrás. Como que você vê a evolução do movimento Hip Hop de quando você começou para agora?

*“Eu acho que – posso estar errado até – mas eu acho que naquela época o Rap era um pouco mais sério, acho que pelo da gente não ter internet da gente ter que usar música como meio de comunicação, a gente se preocupava muito com isso, tanto que essa transição do Rap consciente pro Rap de balada pro Rap comercial, foi uma briga feia até, mas isso acontece. Eu não digo nem transição, é evolução né, porque acontece realmente, a gente veio de uma época que a gente tinha que se virar para obter informações e passar essa informação para a frente, hoje não, hoje na internet na frente do computador você está diante do mundo. Então mudou muita coisa, mesmo a produção hoje está bem mais fácil, e com mais qualidade, antes a gente tinha que se virar com qualquer aparelho que aparecesse, com qualquer equipamento, hoje você pode escolher o equipamento que você quer usar, tem um programa que você pode baixar da internet e construir a música do jeito que você achar melhor, e na época a gente tinha que procurar os produtores se quisesse fazer alguma coisa. Então eu acredito que a única coisa que está faltando para a gente se reconhecer como artistas realmente, que é o que nós somos, e saber que o Hip Hop em qualquer lugar do mundo é uma indústria e que aqui no Brasil tem que ser uma indústria também, e não ter medo de usufruir dos lucros dessa indústria desde que isso seja feito de uma maneira coerente e sincera e não simplesmente explorando as pessoas e também a gente ser mais unidos, que antes nós éramos muito mais unidos do que nós somos hoje. Então a única coisa que falta porque as diferenças sempre vão existir e eu acho que é isso que torna o mundo mais interessante, são as diferenças.”*

E o que você acha dos artistas novos, da galera que está aí começando no hip Hop?

*“Eu gosto sim, eu gosto, mesmo os que são já consagrados e já têm nome, às vezes tem coisas, trabalhos que eu não gosto tanto, mas isso não quer dizer que eu não goste do artista ou qualquer coisa parecida, e os novos não fogem a essa regra também, tem coisas que eu gosto e tem coisas que eu não gosto, assim como tem gente que gosta do meu trabalho como tem gente que não gosta do meu trabalho é uma coisa bem democrática. Eu gosto dessa rapaziada, acho que eles têm que existir e eles têm que aparecer mais, o que eu reclamo bastante é que falta muita mulher no mercado Hip Hop, temos Bgirls, Grafiteiras, DJs, temos MCs, só que são poucas essas mulheres ainda exercendo essas funções sabe, eu sinto falta disso, e também talvez um pouco mais de respeito com as mulheres por parte dos homens seria também de bom tamanho, então eu só espero que as mulheres apareçam mais. Porque ela ajudaram, eu acho que talvez se a gente tivesse uma quantidade maior de mulheres no Hip Hop brasileiro, talvez a coisa seria diferente hoje, porque nós fazemos muitas coisas observando muito as mulheres, talvez elas seriam ótimos guias.”*

O Manos e Minas é um programa que tem um público mais da galera da periferia, e você também veio de lá. E eu queria que você falasse mais sobre isso, o que você acha da cultura de periferia, o quê que você acha, você que está por dentro do que está acontecendo, queria que você fizesse uma relação da galera da periferia que produz uma cultura muito bacana, em relação ao Programa.

*“Então, o Programa tem esse objetivo de mostrar o trabalho de pessoas de periferia, acima de tudo pessoas que tem trabalhos interessantes, independente do lugar onde vivem, mas o foco é sem dúvida nenhuma a periferia, porque o Programa tem uma facilidade incrível de mostrar o lado bom da periferia sabe, sem ser sensacionalista ou qualquer coisa parecida, de uma maneira muito natural, simplesmente indo lá e mostrando as pessoas, falando com as pessoas e trazendo as pessoas ao Programa, só isso. Então esse programa Manos e Minas é um programa que, na minha opinião, é uma maneira, é uma vitrine, onde as pessoas podem ver a periferia de um jeito que elas não vêem, elas vêem periferia do jeito que estão acostumadas em programas, em noticiários, em programas policiais e jornais que têm, os jornais pesados, né, que gostam de violência e tal. E o Programa não, tanto que a gente faz questão de abortar todo o tipo de matéria que seja de cunho violento ou discriminatório no Programa, a gente quer mostrar o lado bom da periferia, porque o lado ruim todo mundo já conhece e todo mundo vê toda hora, o lado bom é difícil de ser mostrado, e quando é mostrado muita gente não dá atenção, e através do programa essa atenção é garantida.”*

Microfone aberto: declaração do Thaíde:

*“Eu quero dizer o seguinte, quando eu cheguei aqui, eu cheguei com uma idéia que a equipe seria uma equipe difícil de se trabalhar, que a equipe iria tirar um pouco da velocidade com*

que eu quisesse fazer as coisas. E na verdade não é nada disso, é totalmente ao contrário, sabe, eu acredito que a forma como eles trabalham faz com que o meu trabalho seja mais rápido, a gente define melhor o programa, a gente às vezes grava dois programas por dia em quatro horas: isso é muito bom e rápido, porque nós temos que passar som, tem figurino e maquiagem. E fazer dois programas em quatro horas é um tempo considerável, e essa equipe me deixa muito à vontade, eu não vou lembrar o nome de todos mas tem algumas pessoas que eu quero citar que é o seguinte, nós temos aqui a Fabiana, só a equipe de produção, Fabiana, Andrezza, o Marcelo, o Zeca, Maisa, a Maria Amélia que é uma das diretoras, que foi a primeira pessoa a fazer o contato comigo e fazer a reunião aqui também, o Nico que é o diretor, apesar dele dirigir outros programas na TV Cultura, a maneira que ele dirige o programa é uma maneira que eu gosto bastante, é bem dinâmico. E aí tem toda a equipe que se eu começar a falar agora o nome deles, sem dúvida nenhuma, a gente vai ficar aqui alguns dias, mas temos as camareiras, maquiadoras, iluminadores, rapaziada do som, câmera, é uma equipe que me deixa à vontade. Então quando eu chego no Teatro, eu chego à vontade, você viu aquele dia o cuidado que eles têm de 'agora ele não vai poder porque não sei o que lá mais'. Porque é essa preocupação que deixa a gente à vontade né. A gente sabe que tem alguém se preocupando com alguma coisa e que nada vai atrasar, e se atrasar tá todo mundo junto, tá todo mundo atrasado junto. Isso é muito bom, então eu agradeço muito a essa equipe do programa Manos e Minas que, sem dúvida nenhuma, facilita o meu trabalho bastante."